

CRIAÇÃO DE HORTA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Stheffany Beatriz Gonçalves Ferreira ¹
Damares Pereira de Melo²
Jairo da Silva dos Santos ³
Josias Ivanildo Flores de Carvalho ⁴

RESUMO

O Ensino de Geografia ainda hoje revela e reflete uma direção colonial, perpetuando uma visão eurocêntrica que consequentemente afeta a compreensão dos alunos ao olhar o mundo ou até mesmo a sua comunidade. Os currículos escolares por sua vez acabam priorizando a cultura europeia, deixando de lado culturas locais. Neste cenário, o ensino de geografia com práticas pedagógicas críticas ao eurocentrismo e que priorize os saberes da comunidade local é essencial. O presente estudo tem por objetivo geral relatar a experiência vivida durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, sobre como a criação de uma horta escolar pode contribuir para uma geografia decolonial. As atividades ocorreram em uma escola estadual de Recife-PE. Trata-se de um trabalho descritivo, do tipo relato de experiência, vivenciado por acadêmicos do curso de graduação em Geografia- Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco. A horta suspensa, foi criada com paletes de madeira, garrafas pet, brita, serragem, terra e sementes. Em suma, a horta escolar é uma estratégia bastante eficiente para promover um ensino de geografia decolonial, os alunos através da realização da atividade puderam explorar questões alimentares, socioeconômicas e políticas relacionadas a produção do alimento. Soma-se a isso, a articulação da educação ambiental por meio de condutas pedagógicas estimulando nos alunos a conscientização ambiental e a incorporação de hábitos para uma alimentação saudável através do decorrer das atividades, manejo e contato com as diversas fases do cultivo de alimentos na horta. Como resultado, observou-se que na escola, a área destinada ao cultivo de alimentos ganhou espaço, bem como, estimulou o interesse educativo, onde os próprios alunos se ofereceram para continuar cuidando do cultivo com práticas agroecológicas que aprenderam em sala. Além disso, os alunos conseguiram valorizar e reconhecer a importância das práticas locais, divergindo assim de narrativas eurocêntricas.

Palavras-chave: Ensino de geografia, Horta escolar, Decolonialidade, PIBID, Educação ambiental.

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, stheffany.ferreira@ufpe.br;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, damares.melo@ufpe.br;

³ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, jairo.ssantos@ufpe.br;

⁴ Mestre pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, josias.carvalho@ufpe.br;

INTRODUÇÃO

A educação atualmente enfrenta o grande desafio de superar práticas pedagógicas eurocêntricas, almejando uma perspectiva mais crítica. Dentro desse contexto, a criação da horta no ambiente escolar surge como uma estratégia para o ensino de geografia em uma visão decolonial. A ideia da criação da horta no ambiente escolar não visa apenas o cultivo de vegetais ou frutas, mas abrange também um projeto que busca chamar atenção dos alunos para o meio ambiente, a sustentabilidade, as práticas agroecológicas e os conhecimentos locais que são fortemente excluídos dos currículos.

O projeto de criação da horta, foi planejado e desenvolvido por bolsistas participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que é um programa desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dentro do PIBID, os discentes têm a oportunidade de antecipar seu vínculo com a sala de aula. Dessa forma, os pibidianos vão adquirindo experiências ao desenvolver juntamente com a escola projetos pedagógicos. O programa é fundamental para a formação docente, principalmente pelo contato dentro do ambiente escolar.

A horta suspensa foi desenvolvida na escola Senador Novaes Filho (Recife-PE), com alunos do 1º ano C do ensino médio sob a supervisão do professor da escola, Ótávio Cezar Juliano de Souza - também supervisor do projeto, o tutor do PIBID-UFPE, Josias Ivanildo Flores de Carvalho e os alunos bolsistas do PIBID Geografia.

Esse projeto teve como objetivo a criação de uma horta suspensa, que pudessem levar os alunos envolvidos na atividade e a comunidade escolar, a construção de um pensamento crítico acerca do meio ambiente e sobre o protagonismo de moradores de periferias visando principalmente um ensino de geografia sobre na perspectiva decolonial. Além disso, buscou-se promover os conceitos de Educação Ambiental e Agroecologia, levando para os alunos a preocupação com as causas ambientais e reforçando as práticas agroecológicas que visam a produção sustentável, preservação do meio ambiente e a alimentação mais saudável.

Contudo, desperta na comunidade escolar uma análise crítica sobre propagandas de produtos alimentícios pouco nutritivos, levando-os a consumir aqueles mais saudáveis (PIMENTA; RODRIGUES, 2011).

METODOLOGIA

O projeto de construção de uma horta escolar na perspectiva de uma educação ambiental decolonial, foi desenvolvido na Escola Senador Novaes Filho, que se situa na rua Dona Maria Lacerda, na Várzea, Região Metropolitana do Recife. Em relação a pesquisa, a sua natureza é de cunho descritivo, do tipo relato de experiência. Utilizando-se do método de pesquisa-ação que aspira a produção de conhecimento guiada pela prática.

As atividades na instituição ocorreram com os alunos do 1º ano “C”, do ensino médio, turma selecionada pela disponibilidade de horários. O encontro com essa turma se dava nas segundas feiras, durante 4 semanas, que compreendia a imersão dos pibidianos nas escolas. Após a seleção da turma, a primeira ação foi a análise do local onde a horta seria montada. Posteriormente, os alunos tiveram a oportunidade de assistir uma palestra sobre “ a importância de práticas agroecológicas nas periferias do Recife” e participarem de uma oficina de compostagem.

A escolha de trazer uma palestra para os alunos antes de iniciar a construção da horta, foi para que os alunos conseguissem posteriormente alinhar a teoria com a prática. A palestra foi ministrada por um discente do curso de Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e morador da periferia do Recife. O discente realiza um projeto muito importante nas comunidades, onde por meio de hortas o mesmo incentiva os moradores da comunidade melhorarem seus hábitos e fazerem uso de práticas sustentáveis e agroecológicas, sendo assim, disseminado educação ambiental dentro da comunidade. O objetivo de levar esse palestrante para dentro da sala de aula foi justamente para que os alunos que em sua grande maioria também moradores de periferia se identificassem com o processo e se inspirarem e criassem atitudes que visem a conservação do meio ambiente.

Nesse momento, discutimos bastante o embate sobre o agronegócio e a agroecologia, os alimentos que chegam até nossa mesa, os saberes tradicionais dos familiares, o termo “agroecologia” e desenvolvimento de projetos dentro das periferias. No final da palestra

O mesmo discente da UFRPE, além de palestrar, ofertou uma oficina de compostagem, do mesmo jeito que pratica nas comunidades. Os alunos participaram ativamente da oficina de compostagem, onde cada aluno aprendeu a realizar a

compostagem com materiais de fácil acesso em casa, como resto de frutas e verduras, borra de café, casca de ovo e folhas.

Depois da palestra e da oficina, começou efetivamente a criação da horta que foi realizada por meio de paletes de madeira, garrafas pet, brita, serragem, terra e sementes, material esses que foram custeado pelos próprios pibidianos sem a ajuda da direção escolar, com exceção da terra que foi retirada da própria escola e as garrafas pet foram levadas pelos alunos.

Os paletes de madeira foram suspensos na parede com a ajuda de um funcionário da escola e o resto da construção foi feita pelos alunos, desde a retirada de terra até o cultivo das sementes. As sementes utilizadas foram de hortaliças e frutíferas. Sendo elas, Alface roxa (*Lactuca sativa L.*), Coentro (*Coriandrum sativum L.*), Tomate Cereja (*Solanum lycopersicum var. cerasiforme*), Cenoura (*Daucus carota L.*), Pepino (*Cucumis sativus*), Couve flor (*Brassica oleracea L. var. botrytis L.*), Repolho (*Brassica oleracea L. var. capitata L.*) e Rúcula (*Eruca vesicaria ssp. sativa*). O processo de confecção e quantidade dos pallets foi pensado e decidido de acordo com o espaço em que eles ficariam dentro da escola e a quantidade de garrafas Pets que iriam ser colocadas neles. Foi decidido então a construção de dois pallets que já viriam com um apoio (também de madeira *pinus elliottii*) do tamanho exato para encaixar as garrafas Pets já deitadas e ajustadas sem a necessidade de furos, cabos ou fios para a suspensão das mesmas.

A construção se deu de forma manual, com a ajuda de um marceneiro, que cortou, lixou e encaixou todas as partes de forma simples e funcional. Para a suspensão dos pallets na parede foi preciso da ajuda de um funcionário da escola, responsável por serviços gerais e de dois alunos. Além disso, foi necessário a utilização de 6 Parafusos de 1/4"X65mm produzidos em aço com rosca soberba e cabeça sextavada acompanhado de 6 buchas de 10 mm para maior fixação em cada um dos pallets, o uso da trena, extensão, broca e furadeira foram essenciais para ajustar de forma linear e assertiva a posição final de onde os pallets iriam ficar.

Dessa forma, se buscou orientar os alunos sobre práticas de cultivo que não afetam o meio ambiente, práticas essas que já existem a muito tempo e só foram renomeadas de práticas agroecológicas. Além disso, orientar sobre alimentação saudável e suas vantagens para a melhoria da qualidade de vida. Soma-se a isto, o reforço de conteúdos disciplinares geográficos.

ENSINO DE GEOGRAFIA DECOLONIAL

O processo de colonização da América, principalmente da América Latina ainda reflete e marca as estruturas de poder, no modo de ser e de saber dos países que participaram do processo. Mesmo de uma forma disfarçada ainda encontramos fortemente a presença do racismo, machismo, desigualdades sociais, desapropriação de terras, coronelismo e muito mais. O reflexo de tudo isso não deixa o ensino imune de carregar as consequências da colonização.

Suess e Silva (2019), aponta bem que a Geografia está no bojo das principais disciplinas escolares e, assim como outras ciências humanas e sociais ensinadas na escola, tem grande responsabilidade em formar integralmente o ser humano, em estar a serviço da radicalidade dos fatos, em desmistificar preconceitos e contribuir para a quebra da colonialidade que marcam a estrutura do poder, o modo de ser e o modo de saber desses sujeitos. Essa quebra com o eurocentrismo, é importante na Geografia justamente porque o nascimento da Geografia gira em torno de ser instrumento de dominação e de poder na Europa, assim muitos dos conceitos são reflexos da dominação de grandes potências sobre grupos minoritários e desfavoráveis socialmente.

A partir do desenvolvimento histórico do nosso país afeta diretamente no currículo escolar, resistindo em incorporar alguns princípios decoloniais. Dentro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Geografia, existe uma falta de objetos de conhecimento por exemplo que tragam, à discussão, em sala de aula, a América Pré-Colombiana. Vale ressaltar, que as culturas afrodescendentes e indígenas não são devidamente contempladas, apesar de que há anos está estabelecido pelas leis 10.639/035 e 11.645/086 que as culturas indígenas e afrodescendentes devem ser trabalhadas em sala de aula, no âmbito de todo o currículo escolar.

Segundo Araújo (2020), pode até se pensar em uma descolonialidade curricular, quando a mesma é imediatamente inserida na prática pedagógica cotidiana dos professores, a abertura para novas interpretações a respeito de seus referenciais históricos, teóricos e metodológicos já estabelecidos. As vozes sociais, e às vezes de protagonismo, especialmente culturais e étnicos precisam tomar frente nas aprendizagens decoloniais. As práticas pedagógicas abrem espaço para a quebra com a colonialidade.

A partir disso, as práticas pedagógicas é um importante elemento para amenizar as lacunas que existem nos currículos, como destaca Rodrigues (2021):

Considerando que currículos escolares estão engessados nessas estruturas hegemônicas, para trilhar um caminho para uma pedagogia decolonial devemos então valorizar o papel e as práticas dos professores. As práticas pedagógicas diárias devem levar em consideração os saberes e as formas de conhecimento locais, as reivindicações dos movimentos sociais e contra hegemônicas, mesmo que os livros didáticos e documentos oficiais estejam balizados em uma forma de produzir conhecimento universalista e hegemônica. (RODRIGUES, 2021. p. 32).

Dessa maneira, percebemos que a forma que os professores irão trabalhar os conceitos e conteúdos é de fundamental importância. Além disso, é uma forma de iniciar o processo de descolonização da Geografia Escolar na Educação Básica. Ao tratar conteúdos como agricultura, é importante os professores trazerem os povos tradicionais como quilombolas e indígenas como protagonistas dos conhecimentos sobre a terra, antes da Agroecologia ser o que ela é hoje, só surgiu para nomear academicamente práticas já existentes dos povos originários tradicionais e populações locais. Nêgo Bispo, um dos maiores intelectuais quilombolas que o país já teve, sempre chamou atenção sobre a disseminação da palavra Agroecologia.

Diante do que foi exposto, a perspectiva decolonial tem um grande potencial de contribuir significativamente para uma educação transformadora, e como destacado neste trabalho, pode contribuir para novas releituras de conceitos e conteúdos no Ensino de Geografia.

PAPEL DA ESCOLA NA DISSEMINAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O papel da escola na disseminação da educação ambiental é crucial para a formação de uma consciência ecológica e para o desenvolvimento de práticas sustentáveis entre os jovens e crianças nas escolas. Segundo Flores e Falavigna (2023), "A instituição escolar é reconhecida como um espaço de fomento da consciência ambiental e de estímulo ao sentimento de responsabilidade social dos estudantes, propondo um tratamento reflexivo e dialógico da crise ambiental e da problemática da poluição plástica".

Assim, a importância da educação ambiental nas escolas é evidente em diversas iniciativas que visam integrar os conceitos ambientais ao cotidiano dos alunos. Projetos como hortas escolares, atividades de reciclagem e discussões sobre mudanças climáticas são exemplos de como as instituições de ensino podem envolver os alunos em práticas e reflexões ambientais. Essas atividades não apenas aumentam a conscientização sobre

questões ecológicas, mas também incentivam a adoção de comportamentos que contribuem para a sustentabilidade.

A educação ambiental desempenha um papel essencial na formação de uma consciência ecológica e na promoção de práticas sustentáveis. As instituições de ensino, como escolas, são fundamentais nesse processo, pois atuam como ambientes privilegiados para a introdução e desenvolvimento de conceitos relacionados à proteção do meio ambiente. Ao incorporar práticas e valores ambientais no currículo escolar, as escolas não apenas educam os alunos sobre a importância da conservação, mas também fomentam comportamentos sustentáveis que podem perdurar ao longo da vida.

A educação ambiental também contribui para a formação de cidadãos responsáveis e ativos. Encorajar a participação dos alunos em decisões e ações que afetam o meio ambiente promove a cidadania ativa e a responsabilidade. Projetos que envolvem a solução de problemas ambientais locais e globais ajudam a desenvolver uma consciência crítica e a capacidade de agir de forma responsável.

Entretanto, existe algumas dificuldades bem constante sobre a realização de projetos de cunho ambiental nas escolas, como destaca Soares:

As escolas do Brasil, principalmente as públicas, enfrentam problemas, para a realização de atividades práticas, seja por falta de infraestrutura, falta de espaço, recursos humanos, insumos e até mesmo de interesse. Ao trabalhar os temas transversais, sugerem-se ações fora da sala de aula, ou seja, não apenas de forma expositiva, mas sim que os alunos possam ter contato com a natureza, com problemas reais, busca a resolução destas. Essa não é uma prática corrente de nossas escolas. (SOARES, 2020. p, 8).

Em resumo, a escola desempenha um papel crucial na disseminação da educação ambiental. Integrar a educação ambiental no currículo, desenvolver habilidades práticas, adotar práticas sustentáveis e envolver a comunidade são estratégias essenciais para formar cidadãos conscientes e preparados para enfrentar os desafios ambientais do futuro. A implementação eficaz dessas estratégias contribui para a construção de uma sociedade mais sustentável e responsável.

A IMPORTÂNCIA DA HORTA ESCOLAR

As hortas escolares têm ganhado visibilidade nos últimos anos como instrumento educativo multifacetado e interdisciplinar, abrangendo várias áreas de conhecimento e

visando colaborar consideravelmente para a formação e desenvolvimento do aluno em todas as suas dimensões formativas. Conceitua-se a horta escolar como referência à criação de um espaço dentro da escola dedicado ao cultivo de plantas, frutas, legumes e hortaliças, com o propósito de aliar o aprendizado expositivo ao ensino prático, além de explorar a importância da presença da horta no currículo escolar.

Essa prática traz discussões ricas para dentro de um currículo escolar, promovendo não só o desenvolvimento e percepção espacial do aluno, mas trazendo em questão uma formação e pensamento crítico e continuado sobre a descolonização e educação ambiental na escola e sua importância nos espaços em que esses alunos estão inseridos diariamente. Para além disso, conhecer a realidade presente no cotidiano dos seus alunos irá melhor lhe direcionar na construção dessa ferramenta pedagógica pensada exclusivamente para aquela comunidade escolar. De acordo com a pesquisa realizada de um projeto com hortas nas escolas municipais de Florianópolis, Morgado (2008) acredita que:

Conhecer os aspectos históricos, sociais e culturais das crianças acolhidas pela instituição foi o início do processo da ação educacional. Através deste estudo, ficou clara a importância de explorar temas ligados à educação ambiental e alimentar, uma vez que a comunidade sofre com falta de infra-estrutura adequada, dispondo de poucas áreas públicas destinadas ao lazer e nenhuma área de proteção ambiental. (Morgado, 2008)

Dessa forma, observa-se a importância prática da agricultura sustentável e os padrões sociais e comunitários que a ela estão ligadas, colaborando com a cultura de pertencimento e autonomia para mudanças pessoais, locais e políticas do indivíduo em formação, que muitas vezes não se dão conta da própria realidade espacial e dos problemas da falta de políticas públicas para aquela comunidade.

Segundo Targino e Tabosa (2024), “A agricultura sustentável é uma forma de cultivo bastante viável para suprir as demandas de produção alimentar da sociedade atual, sem afetar a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades, através do uso consciente dos recursos naturais do meio ambiente”. Esse conceito pode ser explorado pelos alunos e abrir seus repertórios de referências agroecológicas, buscando entender as logísticas locais em que a agricultura familiar é responsável por alimentar a maior parte das mesas brasileiras, incluindo do dia a dia desse aluno, apresentando esse movimento sustentável que pode ser trazido e trabalhado tanto no ambiente escolar, em comunidade com os outros alunos, como tendo a autonomia de construir sua própria horta em casa.

Dito isso, entende-se que a horta escolar desempenha um papel necessário na educação atual, ministrando uma abordagem prática e integral do ensino. Esse projeto promove a educação ambiental, hábitos alimentares saudáveis, desenvolvimento na área social e espacial de dentro e fora da comunidade escolar, além do senso crítico e noção de pertencimento e comunidade que o aluno adquire ao longo das aulas expositivas e práticas. A importância da horta ao currículo escolar é de fundamental relevância, pois prepara os alunos para os desafios da sociedade atual com consciência crítica e sustentável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da horta dentro do ambiente escolar como estratégia de ensino de geografia na perspectiva decolonial representou uma inovadora abordagem pedagógica e com impactos bastante positivos no processo de ensino-aprendizagem. Ao ser implementada no cotidiano escolar, proporcionou aos alunos uma experiência prática de aprendizagem. Através da prática, os mesmos adquiriram conhecimentos geográficos, além do olhar atento e crítico sobre questões de sustentabilidade, valorização de conhecimentos locais e questões alimentares. Por esse e outros motivos que a prática se torna bem importante.

As aulas práticas têm seu valor reconhecido. Elas estimulam a curiosidade e o interesse de alunos, permitindo que se envolvam em investigações científicas, ampliem a capacidade de resolver problemas, compreender conceitos básicos e desenvolver habilidades (RONQUI, 2009 *adup* PERUZZI; FOFONKA, 2014).

Ao longo do desenvolvimento do projeto pedagógico, observou-se os resultados positivos e também os desafios encontrados e gerados. Um dos principais resultados gerados foi a interação dos alunos com o ambiente natural, onde os mesmos puderam através da horta interagir com conceitos geográficos e conteúdos passados teoricamente em sala de aula. Conteúdos como o solo e o clima foram trabalhados na prática, a partir disso, os alunos relataram que compreenderam melhor e se interessaram mais pelos assuntos abordados.

Além disso, ocorreu o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos desde o início do projeto, com a palestra ministrada por um estudante universitário de periferia que propaga a voz das comunidades. Os estudantes experimentaram a criticidade através do cultivo da horta, refletindo sobre a origem dos alimentos, da origem das práticas

agroecológicas, do termo agroecologia, das relações de poder que estão por trás da produção agrícola brasileira, as consequências que algumas práticas não sustentáveis geram no meio ambiente. Os alunos questionaram bastante sobre o uso excessivo de agrotóxicos e passaram a questionar os alimentos que estavam consumindo em casa.

Outro ponto observado e discutido foi a valorização de saberes tradicionais, que por muitas vezes são negligenciados pelos currículos escolares. As práticas utilizadas foram as tradicionais, visando a valorização cultural, que contribui tanto para o fortalecimento e desenvolvimento da identidade. A horta nesse projeto, além de dar espaço para a disseminação de saberes, tornou-se espaço de resistência cultural, a partir do momento que os saberes locais foram integrados diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, surgiram algumas dificuldades sobre o projeto. Os alunos juntamente com alguns membros da comunidade escolar tinham se voluntariado para continuar a manutenção da horta, mas a escola no início de 2024 teve que fechar para manutenção interna, pois a escola apresentou limitações em sua estrutura. As aulas passaram a ocorrer em outro ambiente, muitos trocaram de escola. Com isso, dificultou totalmente a continuidade do projeto. O acontecimento reforça que a continuidade do projeto não depende apenas dos alunos, mas também do comprometimento institucional.

Analisando o projeto ao todo, a utilização dessa prática apresenta em sua totalidade impactos positivos. Por meio da inserção de uma educação que valoriza a criticidade dos alunos e a valorização de saberes. A horta contribui significativamente para a formação de cidadãos mais conscientes sobre o mundo ao seu redor e principalmente sobre a situação ambiental que o mundo se encontra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da horta suspensa sob luz do ensino de geografia decolonial, trouxe inúmeros pontos positivos para os alunos, desde o conhecimento sobre práticas de cultivos mais sustentáveis ao desenvolvimento do protagonismo deles mesmos diante todo o desenvolvimento das atividades. Que por muitas vezes, são estimulados pela sociedade colonialista a não acreditarem em si mesmos e em seus potenciais. A palestra com um estudante universitário e morador de periferia reforçou a ideia.

Dessa forma, a horta escolar neste artigo buscou demonstrar que essa prática pode ir além de um recurso educacional, mas também serve de instrumento de

resistência frente a velhas narrativas que tentam silenciar grupos sociais e povos historicamente desfavorecidos. Além disso, o projeto através da prática proporcionou o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as questões ambientais, de sustentabilidade e soberania alimentar. Soma-se a isto, a valorização de práticas locais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. C. C. de. Decolonialidade e geografia a escolar: revisitações didático-pedagógicas. **Revista de Educação, Ciência e Cultura: Canoas**, n.25, v.3, p. 91-102, 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, 2008.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, DF.

FLORES, Brenda; FALAVIGNA, Gladis. Educação Ambiental Crítica para a abordagem da crise ambiental e da problemática da poluição plástica no Ensino Médio. **Revista BOEM**, v. 11, p. e0104-e0104, 2023.

MORGADO, S, F.; SANTOS, A. A. M.A Horta Escolar na Educação Ambiental e Alimentar: Experiência do Projeto Horta Viva nas Escolas Municipais de Florianópolis. **EXTENSIO- Revista Eletrônica de Extensão**, n. 6, 2008.

PERUZZI, Sarah Luchese; FOFONKA, Luciana. A importância da aula prática para a construção significativa do conhecimento: a visão dos professores das ciências da natureza. **Educação Ambiental em ação**, v. 47, 2014.

PIMENTA, J. C.; RODRIGUES, K. S. M. **Projeto horta escola: ações de Educação Ambiental na escola Centro Promocional Todos os Santos de Goiânia (GO)**. In: II SEAT– Simpósio de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade. Goiânia, GO, 2011.

RODRIGUES, Fabio Costa. **Currículo, ensino de Geografia e o giro decolonial: a presença da colonialidade no conceito de território na Base Nacional Comum Curricular**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

RONQUI, Ludimilla; SOUZA, Marco Rodrigo de; FREITAS, Fernando Jorge Coreia de. **A importância das atividades práticas na área de biologia**. Revista científica da Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal – FACIMED. 2009. Cacoal – RO.

SOARES, Simone Cesario. **O papel da escola na construção da sustentabilidade ambiental**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69087>>. Acesso em: 15/08/2024

SUESS, R. C.; SILVA, A. S. A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S.l.], p. e7, out. 2019. ISSN 2236-4994.

TARGINO, D. K.; TABOSA, F. A. W. Sustentabilidade Ambiental: Horta Escolar como Ferramenta Pedagógica. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo: V. 19, No 3: 117-132, 2024.